



Revista de Estilos de Aprendizaje / Journal of Learning Styles

ISSN: 1988-8996 / ISSN: 2332-8533

Os movimentos antivacina no Facebook e as Fakes News na pandemia de COVID-19 no Brasil

Marcelle Medeiros Teixeira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Brasil

marcellemteixeira@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1799-2769>

Dilton Ribeiro Couto Junior

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil

junnior_2003@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5221-7135>

Luciana Velloso

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil

lucianavss@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6832-4189>

Received: 26 Marzo 2022 / Accepted: 11 November 2023

Resumo

O texto, parte dos resultados de pesquisa de mestrado desenvolvida durante a pandemia (2020-2022), analisa a disseminação de *fake news* voltadas para questionar a confiabilidade dos estudos científicos em tempos de pandemia de COVID-19 no Brasil. Essa desconfiança alimentou um cenário propício para o fortalecimento de movimentos antivacina *online* em um período da história marcado pela perda de muitas vidas para a doença. Nos preocupamos com a ameaça desse movimento, por compreendermos que a vacina não pode ser entendida apenas como uma proteção individual, mas uma proteção social. Adotamos o método cartográfico para amparar, teórica e metodologicamente, o trabalho de campo no Facebook, voltado para a análise de postagens realizadas entre 2020 e 2021 e que mostram diferentes argumentos acionados por pessoas que integram os movimentos antivacina. A pesquisa apontou para a necessidade de uma educação na/para a rede com o objetivo de ampliar o debate sobre os perigos da desinformação durante a pandemia.

Palavras-chave: Pandemia; *fake news*; movimentos antivacina; negacionismos científicos; educação.

[en] The anti-vaccine movements on Facebook and the fake news during the COVID-19 pandemic in Brazil

Abstract

The text, part of the results of a recently concluded master's research developed during the pandemic (2020-2022), analyzes the dissemination of fake news focused in questioning the reliability of scientific studies in times of the COVID-19 pandemic in Brazil. This distrust from the population fed a favorable scenario for the strengthening of online anti-vaccine movements in a period of human history marked by the loss of many lives to the disease. We are concerned about the threat of this movement, as we understand that the vaccine cannot be understood only as an individual protection, but as a social protection. We adopted the cartographic method to support, theoretically and methodologically, the fieldwork on Facebook, aimed at analyzing posts made between 2020 and 2021 and that show different arguments triggered by people who are part of the anti-vaccine movements. The research recognizes the need for an education that aims to expand the debate about the dangers of misinformation during the pandemic.

Keywords: Pandemic; fake news; anti-vaccination movements; scientific denials; education.

Sumario: 1. Entre jacarés e a banalização da morte: reflexões iniciais sobre o Brasil na pandemia. 2. A cartografia como possibilidade teórico-metodológica na pesquisa online. 3. As fake news e os movimentos antivacina online. 4. Conclusão. Referências.

1. Entre jacarés e a banalização da morte: reflexões iniciais sobre o Brasil na pandemia

Ao discutir as políticas do “fazer morrer” no contexto brasileiro (e que pode ser pensado para além dele), Bento (2018, e185305) ressalta que “o rosto, o corpo, a pele, a língua, atributos ditos humanos, não bastam para assegurar o direito à vida”. Quando há um conjunto de técnicas criteriosamente planejadas com a intenção de “matar o mais rápido possível” (BENTO, 2018, e185305), o que resta de nossa humanidade para que possamos usufruir do direito à vida? Nesse contexto, não podemos deixar de concordar com a máxima butleriana de que nem todas as vidas são dignas de luto (BUTLER, 2015); isso se mostrou evidente em tempos de pandemia da COVID-19 no Brasil. Quem pôde experimentar o privilégio da quarentena fez do chamado isolamento social um momento criativo (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020), enquanto uma parcela significativa da população brasileira não apresentou condições adequadas para evitar o contágio pelo novo coronavírus, a começar pela falta de saneamento básico nas regiões mais pobres do país.

A escrita deste texto traz reflexões acerca do período pandêmico, que se iniciou em março de 2020 após a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretar¹ a pandemia de COVID-19. A disseminação do vírus no Brasil tornou-se bastante preocupante pelos mais de 14 milhões de casos confirmados e mais de 400 mil mortes até maio de 2021. O cenário permaneceu grave em 2021, com dados de maio revelando que as primeiras 100 mil mortes no país foram registradas no período de 149 dias e que as últimas 100 mil foram registradas em apenas 36 dias². Em decorrência disso, a pandemia escancarou as desigualdades socioeconômicas em todo país, evidenciando um cenário de terror e de barbárie que atingiu mais fortemente todos aqueles sujeitos que integram as chamadas minorias sociais (MADDALENA; COUTO JUNIOR; TEIXEIRA, 2020).

¹ Pandemia de COVID-19 é decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Disponível em: <<https://is.gd/4fcmtF>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

² Avanço da COVID-19 no Brasil. Disponível em: <<https://is.gd/G7B8Ff>>. Acesso em: 03 maio 2021.

No dia 8 de dezembro de 2020, no Reino Unido, iniciou-se um período de esperança após a aprovação da vacina Comirnaty, desenvolvida em parceria pelos laboratórios Pfizer e BioNTech. Margaret Keenan, uma senhora de 90 anos, ganhou o título de primeira pessoa vacinada contra a COVID-19 no mundo³. No Brasil, esse momento aconteceu no dia 17 de janeiro de 2021⁴, após a aprovação da vacina CoronaVac, desenvolvida pela farmacêutica Sinovac em parceria com o Instituto Butantan. A primeira brasileira vacinada foi Mônica Calazans, enfermeira da UTI do Instituto de Infectologia Emílio Ribas. Outras vacinas de diferentes laboratórios/farmacêuticas também tiveram aprovação para uso emergencial ou tiveram registro definitivo e diversos países iniciaram oficialmente suas campanhas de vacinação.

O período da vacinação no Brasil também foi marcado pela proliferação de grupos *online* que integram os movimentos antivacina. Assistimos de camarote a interações na rede envolvendo “a emergência de discussões inflamadas, discursos agressivos e ofensivos” (RECUERO, 2013, p. 62), muitas delas envolvendo a participação de pessoas desses grupos; durante a pandemia, não podemos negar que a internet se tornou um espaço fértil para produzir e propagar *fake news* que colocaram em risco a vida da população ao questionar aquilo que poderia salvá-la contra o novo coronavírus: as vacinas.

A hesitação vacinal pode ser compreendida como “o atraso em aceitar ou a recusa das vacinas recomendadas quando elas estão disponíveis nos serviços de saúde, sendo um fenômeno que varia ao longo do tempo, do local e dos tipos de vacinas” (SATO, 2018, p. 1). Esse atraso também foi alimentado pelos incontáveis depoimentos de um presidente que minimizava a pandemia no país, colocando em questionamento o distanciamento físico recomendado pelas/os profissionais da saúde (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020).

Não somente isso, mas a própria eficácia das vacinas foi colocada em xeque por Jair Bolsonaro, conforme depoimento realizado em dezembro de 2020: “Se você virar um jacaré, é problema de você. [...] Se você virar Super-Homem, se nascer barba em alguma mulher aí, ou algum homem começar a falar fino, eles não têm nada a ver com isso. E, o que é pior, mexer no sistema imunológico das pessoas”⁵.

Os movimentos antivacina geram preocupação porque seus efeitos na população brasileira já vêm sendo percebidos nos últimos anos, principalmente com o retorno de doenças que já estavam controladas na sociedade (ALMEIDA, 2020). É o caso do sarampo, doença que havia sido eliminada das Américas em 2016, de acordo com a OMS, e o Brasil detinha até mesmo certificação pela Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) como país livre da doença. No entanto, apenas dois anos depois, fomos surpreendidas/os com novos surtos da doença. Segundo dados do Ministério da Saúde disponibilizados no portal da Fiocruz⁶, a principal causa foi relacionada à baixa cobertura vacinal, cuja meta era de 95% em 2017, mas correspondeu a apenas 84,9% na primeira dose e 71,5% na segunda. A contraposição à vacina do sarampo não foi o primeiro episódio dos movimentos antivacina no Brasil, e a negação em relação à vacina contra o coronavírus certamente não será a última.

Este texto é fruto de pesquisa de mestrado que buscou cartografar a emergência e a disseminação de *fake news* em tempos de pandemia de COVID-19 no Brasil. O texto propõe-se a analisar a disseminação de *fake news* no Facebook voltadas a questionar a confiabilidade dos estudos científicos e dos principais órgãos oficiais de saúde. Para isso, apostamos no método cartográfico como opção teórico-metodológica. Essa opção, a qual discutiremos a seguir, permite acompanhar/investigar a disseminação de *fake news* em tempos de COVID-19, que criam um cenário favorável ao fortalecimento de movimentos antivacina *online*. O trabalho traz apontamentos voltados para ampliar

³ Reino Unido inicia campanha de vacinação contra a COVID-19. Disponível em: <<https://is.gd/Rqm7oS>>. Acesso em: 2 jan. 2021.

⁴ Primeira pessoa é vacinada no Brasil contra o coronavírus. Disponível em: <<https://is.gd/Pb4P71>>. Acesso em: 2 jan. 2021.

⁵ Declaração do presidente Jair Bolsonaro sobre a vacina contra a COVID-19. Disponível em: <<https://is.gd/ICdhBc>>. Acesso em: 4 jan. 2021.

⁶ Sarampo de volta ao mapa. Disponível em: <<https://is.gd/bQ1kC7>>. Acesso em: 2 jan. 2021.

as discussões sobre a importância da imunização, argumentando também que, se por um lado as redes *online* são espaços propícios para a produção e a viralização de *fake news*, por outro lado essas redes constituem-se também como espaços importantes para questionar a pandemia de desinformação que vem circulando pela internet.

2. A cartografia como possibilidade teórico-metodológica na pesquisa *online*

A cartografia *online* é nossa aposta teórico-metodológica de pesquisa voltada para conhecer e experienciar o fluxo comunicacional das redes sociais da internet. Nessa direção, entendemos que o método cartográfico “é mais do que acompanhar e capturar fragmentos da fluidez da vida, olhar e descrever um fenômeno em sua instauração. É sentir, viver e experienciar a pesquisa com todas as intensidades do corpo” (CARVALHO; POCAHY, 2020, p. 73). Em nosso trabalho cartográfico, nos implicamos com as questões sociais do nosso tempo, partindo do pressuposto de que a pesquisa é da ordem do inesperado (RAMOS; PEDRINI; RODRIGUES, 2020). Buscamos olhar criticamente para as interações dos sujeitos, acompanhando o fluxo de informação produzida (PRADO FILHO; TETI, 2013) nas redes sociais. Movimentamos nosso pensamento a partir de um mergulho implicado que possibilitou tecermos problematizações importantes (SILVA; PARAÍSO, 2019) que refletem nosso compromisso ético e político com as demandas sociais do tempo presente.

Cartografamos na rede porque entendemos que “a internet é, certamente, a mais importante infraestrutura de comunicação jamais criada pelo homem, uma rede mundial descentralizada que ampliou a forma inédita a democratização do conhecimento e a liberdade de circulação da informação” (LEMOS, 2021, p. 33). A possibilidade de que qualquer pessoa com acesso à internet possa emitir informação para a rede (LEMOS, 2010) faz com que as tecnologias digitais conectadas à internet sejam aliadas importantes na pesquisa; afinal, a internet potencializa a comunicação entre pessoas geograficamente dispersas, permitindo a produção, o compartilhamento, o armazenamento e o acesso a diferentes tipos de informação (SANTOS, 2011). Como praticantes culturais e usuáries/os de redes sociais, nossa cartografia *online* foi desenvolvida no Facebook, uma das redes mais populares hoje, com mais de 2 bilhões de usuáries/os cadastradas/os em todo o mundo.

Para isso, entre 2020 e 2021 foram selecionados comentários de internautas que criticam o uso da vacina para a imunização contra a COVID-19 embasados por teorias/opiniões que caminham na contramão do discurso da ciência.

Com o objetivo de conhecer alguns argumentos desses sujeitos que integram os movimentos antivacina no Facebook, utilizamos o recurso da lupa para realizar um mapeamento de publicações que fazem uso das seguintes palavras e expressões: antivacina; vacina não; perigo das vacinas; e vacina mata. Em nossa busca, localizamos o grupo “Vacinas: o lado obscuro das vacinas”⁷, criado em dezembro de 2014 e que no momento de realização da pesquisa de campo, apresentava mais de 14 mil membros que alimentavam constantemente as discussões, tanto produzindo e compartilhando informações quanto realizando comentários nas postagens de outros membros. Embora o grupo possa ser localizado por qualquer internauta com conta na rede social Facebook, optamos em não identificar as/os autoras/es dessas postagens compartilhadas, com o objetivo de não expor a identidade dos sujeitos.

A figura a seguir apresenta a descrição do grupo, com regras e critérios para aprovação das publicações realizadas pelos membros, esclarecimentos sobre os objetivos do grupo, sinalização sobre o respeito necessário e a recomendação de que as/os usuáries que acreditam na vacina devam procurar outros grupos do Facebook.

⁷ Grupo do Facebook “Vacinas: O lado obscuro das vacinas”. Disponível em: <<https://is.gd/X5680t>>. Acesso em: 13 maio 2021.

GRUPO ABERTO ! LEIAM ESSA POSTAGEM!

OBS: 1. Postagens em inglês, sem tradução não serão liberadas! Por favor, usem o google tradutor. A demanda é muito grande. Precisamos de vocês ajudando na tradução.

2. Nem todas as postagens serão liberadas por alguns motivos especiais, aonde geralmente admin e moderadores discutem risco e benefício.

3. Uma dica: Tenha paciência, e não ataque alguém que lhe atacou primeiro, me avise, que tenho uma solução pacífica!

4. Este grupo destina-se principalmente para divulgar informações sobre todas as possíveis vacinas e seus conteúdos que podem fazer mal para nosso corpo. A decisão de vacinar, deveria caber aos pais, e não a obrigatoriedade do governo.

5. Se você não está convencido de que as vacinas fazem mal, existe certamente um outro grupo, que poderia servi-lo melhor: Discussões de vacinação somos contra. Paz! ❤️

Figura 1. Descrição do grupo do Facebook “Vacinas: o lado obscuro das Vacinas”. Fonte: Captura de tela realizada no Facebook em maio de 2021.

Nesse mesmo grupo, percebemos outro movimento acontecendo por meio de comentários com o uso da *hashtag* #vacinanao, instigando-nos a investigar se ela também estava sendo compartilhada por outros sujeitos para além daquele espaço. Dessa forma, utilizamos a lupa de busca do Facebook para localizar possíveis usos da *hashtag* #vacinanao e identificamos postagens e comentários sobre a forma como a vacina contra a COVID-19 foi percebida por aquelas/es que integram os movimentos antivacina *online*. Diante da quantidade de postagens, adotamos dois critérios para auxiliar na seleção dos comentários a serem analisados. O primeiro deles dá-se em razão da recorrência, ou seja, argumentos que foram reiterados diversas vezes por pessoas distintas. Além dele, buscamos trazer para o texto comentários que fornecessem boas entradas de problematização sobre a forma como as/os internautas posicionam-se diante da recusa em reconhecer a eficácia da vacina contra o novo coronavírus. Isso significa que selecionamos postagens a partir do que Santaella (2018), no contexto da desinformação *online*, denomina de conteúdos baseados em *crenças infundadas e teorias da conspiração*.

Durante a pandemia, acompanhamos a produção e o compartilhamento de desinformação para a rede, convidando-nos a buscar entradas de problematização que permitiram compreender quais argumentos são construídos pelos movimentos antivacina *online* para fortalecer e dar maior visibilidade às demandas e aos interesses desses grupos. A construção de nosso percurso investigativo ancora-se na alteridade e em uma postura ética, aspectos que julgamos necessários no ofício do/a pesquisador/a. Em nosso percurso, não reconhecemos os sujeitos como meros objetos a serem pesquisados, mas como pessoas que têm muito a dizer-pensar e que contribuem com reflexões

importantes para as questões que problematizamos em nossos trabalhos. Durante a pesquisa, acompanhamos a produção de comentários postados na rede Facebook por pessoas que integram os movimentos antivacina *online* buscando romper com um olhar de julgamento. Nosso foco é pela problematização de discursos que contrariaram a ciência durante a pandemia, mesmo quando nossa forma de ver-entender o mundo distancia-se daquelas pessoas que desqualificam os achados das pesquisas e não reconhecem a universidade pública como importante instituição social de produção de conhecimento.

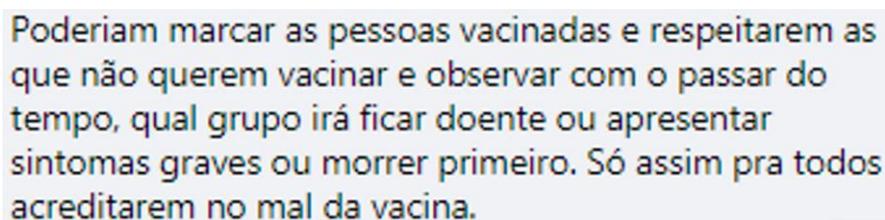
3. As *fake news* e os movimentos antivacina *online*

Durante a pandemia, preocupa-nos com os constantes questionamentos e ataques à credibilidade dos trabalhos e pesquisas produzidos, não raramente encarados como opiniões (SILVA JUNIOR; COUTO JUNIOR; RODRIGUES, 2020); isso aponta nitidamente para uma verdadeira guerra discursiva envolvendo disputas acirradas que buscaram (des)qualificar determinados conhecimentos. Conforme destaca Santaella (2019, p. 10, grifos da autora), “como se não bastasse, as crenças são tão cegas que chegam a devolver com rótulos de *fake news* notícias sadiamente filtradas como verdadeiras”.

No decorrer do trabalho de campo percebemos a falta de confiança no método científico, aspecto que pode ser justificado pelas proposições de Pôrto e Pontes (2003). De acordo com os autores, a vacina é “um objeto de difícil apreensão, constituindo-se, na realidade, em um fenômeno de grande complexidade onde se associam e se entrecrocavam crenças e concepções políticas, científicas e culturais as mais variadas” (p. 729). Considerando a difícil apreensão, a produção e disseminação das *fake news* vêm impulsionando a constituição de inúmeros movimentos *online* hoje e que durante a pandemia direcionaram seus esforços para questionar a eficácia da vacina contra o novo coronavírus.

Santaella (2018) discute o terreno que pavimentou o surgimento das *fake news* e os desafios que temos hoje para enfrentar a viralização das notícias falsas. A eleição de Trump nos Estados Unidos em 2016 ampliou a discussão sobre as “bolhas”, os algoritmos e o fenômeno da pós-verdade. Vale aqui ressaltar que a propagação das *fake news* antecede o governo Trump, mas encontrou grande repercussão naquele contexto estadunidense, que trouxe alerta para a questão das “bolhas”, evidenciando que os algoritmos filtram as informações que recebemos, fazendo com que as/os usuários de redes sociais tenham acesso bastante restrito ao que é produzido e compartilhado na internet (SANTAELLA, 2018). Com essa restrição, nossas visões de mundo, ao invés de se tornarem mais abertas aos que pensam diferente, acabam se fechando em nossos contatos ou em propagandas, eventos e ações que se coadunam com nossas crenças. Sendo assim, temos uma “segregação ideológica” (SANTAELLA, 2018, p. 15), fazendo com que as/os internautas se exponham a visões unilaterais em contextos que são bem mais amplos.

Comentários como o que está a seguir são comuns no grupo do Facebook “Vacinas: o lado obscuro das vacinas” e conseguem expor algumas das motivações para a não aceitação da vacina.



Poderiam marcar as pessoas vacinadas e respeitarem as que não querem vacinar e observar com o passar do tempo, qual grupo irá ficar doente ou apresentar sintomas graves ou morrer primeiro. Só assim pra todos acreditarem no mal da vacina.

Figura 2. Internauta desacredita da vacina contra a COVID-19. Fonte: Comentário capturado no grupo do Facebook “Vacinas: o lado obscuro das vacinas” em março de 2021.

Um dos principais argumentos utilizados é a presença de sintomas, efeitos colaterais e/ou possíveis riscos à saúde após a aplicação do imunizante. Sobre esse aspecto, concordamos com Sato (2018, p. 7) de que “a interpretação do risco da vacina não é baseada na avaliação racional das evidências, mas sim na sensação de incertezas e ambiguidades que permanecem mesmo frente a evidências empíricas”. Em meio a incertezas e ambiguidades, reforçamos que o risco da exposição ao SARS-CoV-2 acaba sendo

ainda mais grave por tratar-se de um vírus facilmente transmissível e que colocou e vem colocando milhões de brasileiras/os sob cuidado constante dos familiares e profissionais da saúde.

Outro fator defendido pelo internauta no comentário da Figura 2 é o respeito para com as/os que decidirem não se imunizar. Destacamos a ameaça dessa proposição para a população ao compreendermos que a vacina não é apenas de uma proteção individual, mas uma proteção social. Nesse contexto, cabe mencionar a fala do ex-presidente da República do Brasil, que, naquela ocasião, declarou o seguinte em entrevista a uma emissora de televisão: “Eu não vou tomar vacina e ponto final. Minha vida está em risco? O problema é meu”⁸. O ex-presidente reforçava a ideia de que a vacina precisava ser reconhecida como uma decisão individual, diretamente relacionada à ideia de liberdade. Em 2020, no mesmo discurso em que supõe que quem se vacinar irá se transformar em jacaré, ele afirmou:

Nós estamos mexendo com vidas, cadê nossa liberdade? Que a gente fala tanto em liberdade? E outra coisa, quem não quiser tomar vacina se porventura ele contrair lá na frente, se for comprovadamente eficaz lá na frente porque a gente não sabe ainda, a responsabilidade é dele, não podemos obrigar aqui, nós vivemos numa democracia⁹.

A liberdade constitui um dos elementos centrais dos Direitos e Garantias Fundamentais pela Constituição Brasileira; no entanto, questionamos o seu acionamento para justificar um discurso que prejudica o trabalho das/os profissionais da saúde e, conseqüentemente, coloca em risco a saúde da população. O perigo de declarações como essa é explicitado por Almeida (2020) quando retrata que uma parcela considerável das/os apoiadoras/es do ex-presidente acaba por reproduzir os seus argumentos, desconsiderando as orientações da OMS, assim como as evidências científicas. Quando lembramos os dizeres de Couto, Couto e Cruz (2020) sobre o período pandêmico no Brasil, consideramos contraditório que a liberdade seja um argumento acionado pelo ex-presidente para reforçar que vivemos em um regime democrático: “[o ex-presidente] ironiza familiares que choram seus mortos, faz, apoia e ressalta discursos autoritários, agride profissionais de saúde, jornalistas e instituições, ameaça o Estado Democrático de Direito e estimula os contínuos pedidos de seus apoiadores de intervenção militar no País” (p. 211).

Em desacordo com o discurso do ex-presidente, justificamos ainda a problemática dessas informações/declarações com base no que as/os cientistas chamam de “imunização de rebanho” ou “proteção de rebanho”. Essa imunização assegura a saúde da parcela da população que não tem indicação para se imunizar ao garantir a ampla vacinação do público-alvo. Ou seja, algumas pessoas acabam sendo protegidas indiretamente com a vacinação de outras. Outro ponto importante diz respeito ao controle da propagação da doença no país, que só pode ser garantido quando há um número considerável de pessoas vacinadas.

Na Figura 3, outro comentário postado no grupo do Facebook merece destaque. A internauta mostra-se indignada, inferindo que apenas algumas pessoas que foram vacinadas estão morrendo:

O que me dá raiva, e que essa merda de vacina só mata uns! Enquanto não matar milhares, ninguém vai ouvir nos!
Minha cidade aqui já foram alguns mils vacinados e até agora nem caganeira tiveram. Se matasse logo ou desse reação forte ia ser mais fácil de eles acreditam na gente

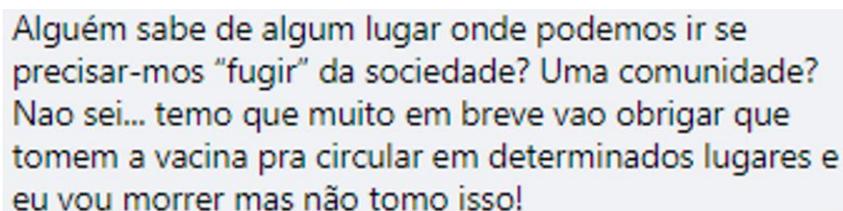
⁸ O presidente declara que não irá tomar a vacina contra a COVID-19. Disponível em: <<https://is.gd/R7CB6T>>. Acesso em: 7 mar. 2021.

⁹ Discurso do presidente na íntegra. Disponível em: <<https://is.gd/rB3o87>>. Acesso em: 6 maio 2021.

Figura 3 - Contradições nos discursos. Fonte: Comentário capturado no grupo do Facebook “Vacinas: o lado obscuro das vacinas” em março de 2021.

Além disso, ela também ressalta que milhares de pessoas que foram vacinadas em sua cidade não tiveram reação ao imunizante. Percebemos, com essa afirmação, uma contradição a respeito da vacina contra a COVID-19, pois a internauta afirma que há o perigo mortal da vacina para quem decidir se imunizar; no entanto, segundo ela quem foi imunizado na sua redondeza está sem sintomas. Essa avalanche de desinformação produzida e disseminada na rede configura-se também como uma “guerra de sentimentos” (ALMEIDA; SANTOS, 2020), caracterizada por uma forma um tanto intransigente de ver e entender o mundo. Diante disso, nos questionamos: como uma notícia falsa continua sendo disseminada com tanta veemência por uma pessoa, mesmo tendo sido comprovado empiricamente que as vacinas para a COVID-19 são seguras para a população e eficazes contra o novo coronavírus? Conforme aponta Varcárcel Siso (2020), enquanto as/os cientistas de todo o planeta estavam se mobilizando para desenvolver a vacina contra o novo coronavírus, uma nova pandemia informacional (*fake news*) emerge e se espalha muito rapidamente através da internet. Além da descrença nas pesquisas, muitas/os internautas duvidam até mesmo de suas percepções cotidianas quando argumentam que “se [a vacina] matasse logo ou se desse reação forte ia ser mais fácil de eles acreditam (sic) na gente”. Em outras palavras, anseiam mais pelas reações fortes e pelas mortes que supostamente são provocadas pelas vacinas do que pela expectativa de sucesso na imunização, o que romperia com a sua lógica antivacina.

As/os adeptas/os aos movimentos antivacina *online* no Facebook, conforme a Figura 4, questionam ainda a existência de algum local onde possam recorrer para “fugir da sociedade”, para uma espécie de comunidade antivacina:



Alguém sabe de algum lugar onde podemos ir se precisar-mos “fugir” da sociedade? Uma comunidade? Nao sei... temo que muito em breve vao obrigar que tomem a vacina pra circular em determinados lugares e eu vou morrer mas não tomo isso!

Figura 4. Quando a morte parece melhor que a imunização. Fonte: Comentário capturado no grupo do Facebook “Vacinas: o lado obscuro das vacinas” em março de 2021.

O argumento acima é construído com base na suposição de que a vacina poderia tornar-se obrigatória para que as pessoas tenham autorização para circular em determinados locais. Além disso, fica evidente para a internauta que a preocupação com os eventuais efeitos da vacina no organismo é maior do que a própria doença causada pelo novo coronavírus. Isso demonstra o quanto os movimentos antivacina não negam apenas os benefícios da vacina nas pessoas, mas os próprios estudos científicos que permitiram desenvolver o imunizante contra a COVID-19.

Diante do exposto, não podemos negar as proposições de Almeida (2020) sobre a ideia de que especialistas divulgam diariamente novos estudos sobre o novo coronavírus e isso pode gerar dificuldade na apreensão por parte da população, principalmente quando esses mesmos dados produzidos passam a ser reconfigurados ou atualizados com o tempo. No entanto, precisamos reconhecer que os primeiros estudos sobre o novo coronavírus estavam sendo produzidos exatamente enquanto a COVID-19 se alastrava pelo mundo. Não existe uma estabilização das certezas; pelo contrário, as/os pesquisadoras/es do campo da saúde continuam tendo muito trabalho pela frente para conhecer os impactos do SARS-CoV-2 no corpo humano.

Durante a realização da pesquisa de mestrado, foi notório o apelo discursivo dos pronunciamentos governamentais incitando o negacionismo científico e, conseqüentemente, fortalecendo movimentos antivacina *online*. Esses movimentos balizavam seus argumentos com *fake news*, produzindo e

disseminando inverdades que se propagaram por diferentes redes sociais da internet. Nesse contexto, há grupos mais radicais, que creem nas teorias conspiratórias que negam a ciência; também existem pessoas que não procuram buscar informações, além daquelas que sequer dispõem dos recursos do digital em rede para se informar em fontes respaldadas cientificamente.

Cabe lembrar o que indica Sato (2018, p. 3) ao afirmar que “o movimento antivacina é tão antigo quanto a própria vacinação”. Considerando todo esse histórico de movimentos contrários, apesar de nos encontrarmos em um momento em que as vacinas já se encontram em plena distribuição, ainda existem grupos que seguem na contramão da ciência e criticam aquelas/os que optam pela vacinação. Esta visão pode ser expressa no comentário a seguir, postado no grupo do Facebook:

Gente só eu que acho ridículo as pessoas comemorando que estão vacinadas e romantizarem a vacina como se fosse a melhor coisa do mundo? Eu fico passada vejo pessoas inteligentes espertas se deixando levar pela mídia e acreditando cegamente nas vacinas.. Eu devo ser de outro planeta só pode...

Figura 5. Romantização da vacina. Fonte: Comentário capturado no grupo do Facebook “Vacinas: o lado obscuro das vacinas” em março de 2021.

A internauta que se expressa como cética e condenando o que define como “romantização da vacina” utiliza o argumento de não ser levada pela mídia para sustentar sua descrença, como se tomar ou não a vacina envolvesse inteligência ou a falta de uma visão crítica em relação à mídia (por exemplo, as emissoras de TV aberta). Como asseveram Pôrto e Pontes (2003, p. 733), “a vacinação de autoridades e personalidades queridas e respeitadas pela população abriu caminho e facilitou o trabalho de vacinadores durante a campanha de erradicação da varíola”. Embora essas personalidades conhecidas por grande parte da população tenham se manifestado em prol da vacinação em massa e expressando-se em suas redes sociais para fomentar o engajamento com a causa, por outro lado também estão sendo desqualificadas por pessoas que integram os movimentos antivacina *online*, conforme o comentário da Figura 5.

Acreditamos que transmitir informações de forma clara e fidedigna é vital para a gestão da saúde; a capacidade de entendimento da mensagem por diferentes públicos é essencial para alcançar os resultados desejados (PÔRTO; PONTES, 2003, p. 735). Nesse sentido, as escolas e instituições educacionais são grandes aliadas no processo de desconstrução de *fake news*, por isso a necessidade de levar esse debate a crianças e jovens, de modo que ampliem suas redes de conhecimentos. Não há como negar que, no contexto do digital em rede, tais debates precisam entrar pela porta da sala de aula, porque as *fake news* vêm sendo amplamente disseminadas por meio da internet (VELLOSO, 2020).

Coloca-se a necessidade de reinventar os espaços educacionais, de modo que possam se apropriar dos aprendizados obtidos no período pandêmico, trazendo para o debate questões envolvendo a forma como obtemos e repassamos informações e a necessidade de verificar a sua procedência. Cabe, portanto, repensar nossos currículos e projetos, confrontar saberes institucionalmente consolidados, construindo uma pedagogia de comunicação dialógica (TORRES; COSME; SANTOS, 2021) que reflita sobre as especificidades dos conhecimentos científicos e dos saberes cotidianos do senso comum.

4. Conclusão

No que se refere à propagação das *fake news* e seus desdobramentos que tanto impulsionam os movimentos negacionistas durante a pandemia, insistimos na defesa de uma educação que debata sobre as informações falsas que permanecem circulando de modo acelerado por meio da internet. Buscamos encorajar o planejamento de estratégias que possam fomentar uma educação em/para a rede, que se utilize desse mesmo material descompromissado com a verdade de modo a questioná-lo criticamente. Essa tarefa requer profissionais preparados para enfrentar, com responsabilidade, o desafio de construir práticas pedagógicas que movimentem o pensamento, fazendo da escola um espaço de produção e emissão de saberes no lugar de uma instituição na qual docentes simplesmente transmitem conteúdos a serem memorizados pelas/os estudantes (SILVA; ALVES, 2018).

Preocupam-nos os negacionismos e recuos em relação à ciência, que não se caracterizam simplesmente como meras escolhas individuais, mas como uma verdadeira ameaça à saúde pública e à segurança dos outros (D'ANCONA, 2018). Estabeleceu-se, assim, uma guerra discursiva no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil, tendo em vista que, em meio à campanha de vacinação, medicamentos comprovadamente sem eficácia contra o vírus como a cloroquina e hidroxicloroquina continuavam sendo consumidos pela população graças às *fake news*. Dito isso, é nítida a constituição de uma arena discursiva que foi forjada no contexto pandêmico (e não se restringe a ele) e que custou ao Brasil ainda mais vidas. A guerra de narrativas na pandemia também foi analisada por Olmos Vila (2020), que alertou para os riscos à população quando as *fake news* são produzidas de tal forma que mobilizam emoções, convencendo muitas/os internautas sobre seu conteúdo.

No contexto pandêmico, a ciência defendeu que todas as pessoas fossem vacinadas para que o vírus não continuasse circulando. Cada vez que o SARS-CoV-2 infecta uma pessoa, há a possibilidade de que uma nova cepa do vírus surja, e isso pode tornar a doença ainda mais letal. Frente a isso, “é urgente que haja o fortalecimento das ações colaborativas, fazendo do digital em rede nosso aliado na busca pelo planejamento de ações que sirvam para minimizar os problemas sociais desencadeados pelo novo coronavírus” (MADDALENA; COUTO JUNIOR; TEIXEIRA, 2020, p. 1521), como a disseminação de inverdades que questionam a eficácia das vacinas contra a COVID-19. Dessa forma, precisamos reconhecer a importância de uma educação em/para a rede com o objetivo de ampliar o debate sobre os perigos da desinformação e suas consequências para a sociedade.

Não podemos negar que informação não falta na rede, pelo contrário, somos constantemente bombardeadas/os por uma avalanche de informações, incluindo aquelas produzidas por pessoas de todas as áreas do conhecimento e de diferentes partes do mundo. Se mais de 80% da informação do mundo está hoje digitalizada e disponível na internet (SILVA; ALVES, 2018), então precisamos reconhecer o importante papel dos profissionais do campo educacional para colocar em prática um olhar atento e crítico sobre aquilo que é produzido e compartilhado através da internet. Essa tarefa não deve ser restrita ao espaço escolar, embora reconheçamos que uma educação em/para a rede praticada no espaço escolar pode proporcionar uma discussão imprescindível para crianças e jovens acerca dos riscos da desinformação para a população.

Uma coisa é certa: as *fake news* continuarão existindo. Também é certo que precisaremos de propostas educacionais que visem proporcionar momentos de discussão que ampliem a capacidade das/os estudantes de criticar/argumentar/agir. Pavimentar esse caminho é nossa aposta para uma educação em/para a rede, desde já reconhecendo a centralidade da internet na forma com a qual aprendemos a ver/conhecer o mundo. Finalizamos as reflexões a partir das palavras de Couto Junior, Teixeira e Maddalena (2023, p. 65), que defendem a necessidade de “mais e melhores práticas pedagógicas não simplesmente porque estivemos ensinando de nossas casas devido à pandemia da COVID-19, mas porque nosso tempo vem exigindo uma educação mais sintonizada com as dinâmicas interativas-colaborativas, próprias do digital em rede”.

Referências

Almeida, C. (2020). “Make science great again”?: o impacto da covid-19 na percepção pública da ciência. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, 1-24. <https://bit.ly/3KNTNBY>.

- Almeida, W.; & Santos, E. (2020). De memes a fake news: desafios de uma pesquisa-formação na cibercultura. *Revista Educação em Foco*, 25 (1), 173-196. <https://bit.ly/35womZD>.
- Bento, B. (2018). Necrobiopoder: quem pode habitar o Estado-nação? *Cadernos Pagu*, 53. <https://bit.ly/2yB4pVv>.
- Butler, J. (2015). *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto*. Civilização Brasileira.
- Carvalho; F. S. P.; & Pocahy, F. (2020). O método cartográfico na/com a formação na cibercultura. *RE@D - Revista de Educação a Distância e Elearning*, 3 (1), 62-77. <https://bit.ly/33t3oe9>.
- Couto, E.; Couto, E. S.; & Cruz, I. M. P. (2020). #Fiqueemcasa: educação na pandemia da COVID-19. *Interfaces Científicas – Educação*, 8 (3), 200-217. <https://bit.ly/35ZS4X8>.
- Couto Junior, D. R.; Teixeira, M. M.; & Maddalena, T. L. (2023). O meme como inventividade metodológica no ensino remoto pandêmico: por que não?. *Interfaces Científicas – Educação*, 12 (1), 53-68. <https://bit.ly/3m1EKhA>.
- D'ancona, M. (2018). *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Faro Editorial.
- Lemos, A. (2010). Os sentidos da tecnologia: cibercultura e ciberdemocracia. In Lemos, A.; & Lévy, P. (Orgs.). *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária* (21-31). Paulus.
- Lemos, A. (2021). *A tecnologia é um vírus: pandemia e cultura digital*. Editora Sulina.
- Maddalena, T. L.; Couto Junior, D. R.; & Teixeira, M. M. (2020). O que dizem os memes da educação na pandemia? Dilemas e possibilidades formativas. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, 5 (16), 1518-1534. <https://bit.ly/37WedIs>.
- Olmos Vila, R. (2020). ¿Es capaz el alumnado de discernir en la infodemia del coronavirus? La influencia de las noticias falsas en sus relatos. *Revista De Estilos De Aprendizaje*, 13(26), 73-84. <https://bit.ly/3wthU5b>.
- Pôrto, Â.; & Pontes, C. F. (2003). Vacinas e campanhas: imagens de uma história a ser contada. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 10 (2), 725-742. <https://bit.ly/3qaOPr7>.
- Prado Filho, K.; & Teti, M. M. (2013). A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbarói*, 38, 45-59. <https://bit.ly/2QtXyVC>.
- Ramos, H. S. G.; Pedrini, M. D.; & Rodrigues, A. (2020). Cartografia e pesquisas com os cotidianos: um encontro metodológico. *Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, 2 (2), 139-151. <https://bit.ly/33SKvVK>.
- Recuero, R. (2013). Atos de ameaça à face e à conversação em redes sociais da internet. In Primo, A. (Org.). *Interações em rede* (51-69). Editora Sulina.
- Santaella, L. (2018). *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* Estação das Letras e Cores.
- Santaella, L. (2019) As ambivalências da divulgação científica na era digital. *Boletim Gepem*, 75, 7-17. <https://bit.ly/3frZvcU>.
- Santos, E. (2011). A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In Fontoura, H. A.; Silva, M. (Orgs.). *Práticas pedagógicas, linguagem e mídias: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões* (75-98). ANPED Nacional.
- Sato, A. P. S. (2018). Qual a importância da hesitação vacinal na queda das coberturas vacinais no Brasil?. *Revista Saúde Pública*, 52 (96), 1-9. <https://bit.ly/3q9ITPg>.
- Silva, B.; & Alves, E. J. (2018). Aprendizagem na cibercultura: um novo olhar sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação digital no contexto educativo ubíquo. *Interfaces científicas – Educação*, 6 (3), 17-28. <https://bit.ly/2NXMbTM>.
- Silva, J. P. L.; & Paraíso, M. A. (2019). Para uma cartografia de infâncias queer no currículo escolar. *Revista Educação em Questão*, 57 (54), 1-21. <https://bit.ly/2t5wHES>.
- Silva Junior, J. A.; Couto Junior, D. R.; & Rodrigues, L. (2020). Quando o fundo do poço é (ainda) mais profundo: sobre a importância das ciências humanas e sociais em tempos de pandemia e negacionismos. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, 6 (2), 6-17. <https://bit.ly/3q7oASk>.
- Torres, P. L.; Cosme, A.; & Santos, E. (2021). Educação e tecnologias em contexto de pandemia: uma experiência de aulas remotas. *Revista Cocar*, 9, 1-21. <https://bit.ly/3N5KH5R>.

- Varcárcel Siso, R. L. (2020). Verificación de hechos en tiempos de coronavirus. De la pandemia a la infodemia. *Revista De Estilos De Aprendizaje*, 13(26), 61-72. <https://bit.ly/3qvEerb>.
- Velloso, L. (2020). Ler é um ato político: multiletramentos em contexto de censura literária. *Interfaces Científicas – Educação*, Aracaju, 8 (2), 271-284. <https://bit.ly/2xWOff8>.
- Vila, R. O. (2020). ¿Es capaz el alumnado de discernir en la infodemia del coronavirus? La influencia de las noticias falsas en sus relatos. *Revista de Estilos de Aprendizaje*, 13 (26), 73-84. <https://bit.ly/3wthU5b>.
-

Financiamento

A primeira autora recebeu financiamento pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) para desenvolver a pesquisa de mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação.

Conflitos de interesses

Não existem conflitos de interesses.

Contribuição dos autores

A primeira autora conduziu o trabalho de campo, o segundo autor e a terceira autora auxiliaram na análise dos dados.



© 2024 by the authors. Submitted for possible open access publication under the terms and conditions of the Creative Commons